

Isabel Rio Novo

RIO DO ESQUECIMENTO

Romance



Prólogo

«Jazigo número 139 da oitava secção. Capela. Medida: 3,30 por 3,50 metros.

Por disposição com que faleceu a benfeitora dona Guilhermina Júlia da Silva Augusto Sommersen, proprietária que era deste jazigo por falecimento de seu marido, Nicolau Kuntegard Sommersen, transmitida a esta irmandade em 16 de maio de 1917 à pessoa do seu secretário, senhor Arsénio dos Santos Saldanha, pelo seu testamento, reverendo padre Humberto de Sousa Agra, fica vedada a entrada de qualquer outro cadáver, seja de quem for, neste jazigo, enquanto os tempos durarem. Legou a benfeitora a esta irmandade a quantia de cinco mil escudos, que receberam, com a obrigação de limpeza perfeita do mesmo e de pintar a porta quando se julgar necessário.»

*

É difícil explicar, mas era realmente uma sensação de silêncio, apesar do rumor das bâtegas grossas, implacáveis, que lhe fustigavam o rosto contraído pelo frio. Com um esforço, conseguiu mover-se, sentiu doer-lhe o corpo todo, doeu-lhe sobretudo a mão, presa sob um galho torcido, e que acabou por desprender, sentindo-a rasgada,

embora o escuro da noite não lhe permitisse distinguir o emaranhado de sangue dos fios de lama. Sentada, fazendo por lembrar-se, via-se novamente envolvida por uma sensação de silêncio, de quase abandono, mas também de sossego primordial. As luzes intermitentes romperam subitamente a quietude da noite de chuva, restituindo-lhe a consciência toda, e com ela uma dor maior, súbita, no peito, quase como se dentro dele explodissem, repentina e conjuntamente, o susto, o grito breve, a dor do impacto, a sensação da água gelada, o sabor adocicado a lodo, a pressão da asfixia, e mais qualquer coisa que vinha de antes da queda e lhe parecia um desgosto supremo.

Serviu-se do galho para se apoiar, ergueu-se, afastou do rosto os cabelos molhados. Ardiam-lhe as pálpebras, o interior do nariz. As roupas compridas e ensopadas colavam-se-lhe às pernas. Veículos estranhos aproximavam-se, embrulhados em luzes fortes, como ela nunca vira. Eram muitos, cada vez mais. Deles saía gente, à volta deles juntava-se ainda mais gente. Agora pairava sobre tudo, o rio, as margens, a ponte quebrada, uma impressão de sobressalto e alarme, apesar de nada, nem gritos, nem trovões, nem agitação, importunar verdadeiramente aquela noite de chuva carregada. Não saberia dizer por quanto tempo permaneceu parada, aturdida, observando através da chuva os homens que desciam por declives até junto do rio, transportando uma espécie de lanternas. Pensou em gritar, tentou chamar alguém, mas nem um som se lhe soltou da garganta. Sentou-se novamente, arrancou as botinas acalçadas, ergueu-se, subiu a pequena colina que ladeava a margem, apoiada no galho que a sustentava, e caminhou por alguns minutos, não estranhando, talvez porque estivesse escuro e chovesse sempre, que a paisagem lhe fosse ao mesmo tempo familiar e alheia.

Capítulo primeiro

No inverno de 1864, Miguel Augusto deixou o Rio de Janeiro fraco e doente para vir morrer na cidade natal, num palacete magnífico todo cercado de jardins, que tomara ao cimo da Rua de Santa Catarina e que era conhecido como Casa das Camélias. Trazia consigo a afilhada, Guilhermina Júlia da Silva, uma adolescente mulata de formas pesadas e rosto apagado, sem a beleza e a sensualidade habituais das crioulas, mas de uma doçura invulgar no olhar. Miguel Augusto, com marcas da febre que contraíra no Brasil depois de anos a construir fortuna à custa do contrabando e da especulação, tinha duas missões antes de morrer: subsidiar a decoração do Salão Árabe da Associação Comercial da cidade, inscrevendo assim o seu nome nos anais do burgo, e reconhecer a filha natural que tivera exatamente vinte e quatro anos antes com uma rapariga nobre empobrecida. Sendo que o primeiro desses gestos, sustentado no seu enorme património, bastava para o nobilitar aos olhos da cidade, assegurando-lhe a comenda da Ordem de Cristo e num futuro próximo um título de barão ou visconde, e o segundo para reparar de algum modo a ofensa do passado, todos acharam que, então, só poderia ser assunção póstuma de amor o que o levaria também, alguns meses mais tarde, a transladar os restos mortais da mãe da

menina, Camila Rosa Emília Baldaia, morta em 1860, para o jazigo que mandara erigir para si próprio no cemitério da irmandade e que impressionava pela grandiosidade.

Em 1855, a grande epidemia de cólera motivara a construção apressada de novos cemitérios na cidade, onde eram enterradas diariamente as vítimas. Fora nesse mesmo ano que a irmandade de que Miguel Augusto fazia parte adquirira no antigo cemitério público, até então visto como a última morada dos mais pobres, cujos restos aí repousavam em sepulturas térreas com grades de madeira, uma larga secção privativa, onde os seus membros – negociantes ricos, barões, banqueiros, proprietários de vinhedos e brasileiros enobrecidos pela riqueza como ele próprio – começaram a mandar erguer jazigos e mausoléus ao jeito neogótico, fazendo trabalhar a pedra da região por mestres ornatistas muito talentosos e destinando-se a conviver na morte com os poetas e romancistas que em vida tinham aborrecido, por tontos de ideias que eram e socialmente pouco úteis. Miguel Augusto adquiriu um talhão apreciável de terreno e nele mandou edificar o jazigo da família Augusto, que, à falta dos ossos dos seus pais e dos seus avós, haveria de inaugurar com os restos mortais de Camila Rosa.

Era uma capela tumular extravagante, erguida em pedra mármore e lioz. A porta em ferro trabalhado, desenhada por um mestre italiano e mandada executar na fundição do Bolhão, fascinava tanto que era descaradamente copiada pelos jovens artistas aprendizes nas oficinas. As peças de ornato na fachada, as urnas com escudos de prata, as miudezas do interior, como um crucifixo de marfim importado de França, primoroso objeto de arte ou imagem de grande devoção, perfizeram uma soma espantosa, que muitos garantiam chegar para adquirir um bom prédio no centro do burgo.

Mas Miguel Augusto não viria a morrer de tísica, nem de cólera, nem de tifo, nem de nenhuma doença do velho mundo. Além da fortuna, trouxera dos trópicos uma enfermidade rara e quase desconhecida, que ditava a morte depois de febres, delírios ardentes e tormentos vários.

O vapor em que atravessou o oceano fundeu defronte de Massarelos num daqueles fins de tarde gelados tão habituais na cidade. A maioria dos passageiros do navio era gente de baixa condição e ambições modestas: tinham sido carroceiros, feitores de roça, carpinteiros, pedreiros, e tinham conhecido do Brasil quase só as humilhações e a miséria. Mas Miguel Augusto desembarcou no cais da cidade velha apoiado numa bengala ornada a marfim, como homem rico e candidato ao baronato. Sentiu logo no rosto a humidade fina e penetrante que ascendia do fundo do rio e se colava aos cabelos, à roupa, às casas de pedra, como um estigma de melancolia e pobreza. Não fosse ter os pés calçados em botinas de duraque gaspeadas de verniz, o corpo bem embrulhado numa peliça encomendada num armazém de luxo parisiense, a corrente do relógio de ouro a sobrepesar-lhe a algibeira; não fosse o pequeno mas convincente séquito de criados pretos que o rodeavam, as malas inglesas com fechos dourados e reluzentes, o anel de brilhante no dedo médio, sentir-se-ia como vinte e quatro anos antes. Não fosse a iluminação pública, ligada ao tombar da noite, pareceria, realmente, que tudo estava como há vinte e quatro anos: a chuva, a lama, o cais velho, as mulheres miúdas embrulhadas nos biocos e nos mantés escuros, os funcionários caminhando como sombras rente ao casario, como que a pouparem a casaca, as aldeãs de tornozelos grossos com cestos à cabeça onde avolumavam enormes pães de centeio, negros e rijos como pedras. Para trás ficavam as costas distantes e vermelhas da Bahia

e do Rio, os aromas quentes, as aves de penas exuberantes e coloridas, a lembrança de paladares fortes com nomes estranhos, as mulheres meio índias ou meio pretas, elásticas como bichos bravios, de vozes estridentes e sorrisos abertos, com tons de pele que lembravam especiarias e calor. Mas fora preciso regressar.

Sentiu-se satisfeito quando, ao ser apresentado à sua filha Teresa, a reconheceu imediatamente como produto dos seus amores, se assim se podia dizer, com Camila Rosa Baldaia, embora, de facto, a menina tivesse herdado o melhor dos dois. Era uma rapariga bonita e calada, de sobrolho escuro, muito sossegada, talvez esbelta quando usasse outro traje que não o vestido preto afogado que envergava no dia em que o pai a conheceu. Teresa e o velho avô Baldaia tinham mudado havia três meses duma casinha de pouco porte no sítio das Fontainhas para o prédio da Rua do Almada onde agora moravam, por instruções do solicitador do próprio Miguel Augusto, e tinham o ar deslocado de alguém que ocupa um lugar que não é o seu, e que Miguel Augusto, com a argúcia dos negociantes e o hábito de ajuizar, notou logo no seu desacerto, na maneira como hesitavam ao pronunciar as últimas sílabas das frases e no modo como se equilibravam de um pé para o outro, como se os seus corpos se suspendessem ligeiramente sobre o chão, em vez de nele assentarem.

Francisco Baldaia, o último descendente de uma família heráldica de província, tinha sido na juventude um homem forte, rude, desabrido, que um ataque violento, ainda novo, em 1838, deixara quase incapacitado. Todos os seus cabedais se dispersaram, entre penhoras, credores, bens desonerados e alguma dissipação, e, para cúmulo, Camila Rosa deixara-se seduzir por aquele infame. Mas, em 1864, com o pouco de lucidez e de saúde que lhe

restava, muito aumentado pela cupidez da riqueza que inesperadamente lhe tombava em cima, o fidalgo velho passava por cima das antigas repugnâncias e pensava: «As modas, ou feias ou ridículas, é mister aceitá-las. Não vale a pena fazermo-nos pomba de expiação com a nossa melancolia. A sociedade que fez isto, pondo um brasileiro à altura de um Baldaia, instituiu a fidalguia do dinheiro. É como é.»

Recuando então a 1838, que teria passado pela cabeça da menina Camila Rosa Emília, educada por padres entre costumes velhos, admoestada aos quinze anos pela mãe moribunda a que fosse sempre o amparo do seu pai e preservasse o nome da fidalguia em que nascera, para assim se entregar ao neto dos caseiros, grosseiro e pobre e dez anos mais velho? Apenas sabemos que um dia, depois de anos de ausência, Miguel Augusto entrou na velha quinta dos Baldaia vestido como um senhor e tinha na cara uma tal soberba que mais parecia um fidalgo da cidade do que um camponês. Ao vê-lo, Camila Rosa ficou imóvel e calada. Ele chegou-se a ela, passou-lhe a mão pelo rosto com familiaridade, e a rapariga sentiu uma comoção violenta, como se o fogo lhe queimasse as faces. Não teve força nem vontade para resistir; e, contudo, nem ela própria saberia ainda que sentimento era o que a levava a obedecer-lhe sempre, a sacrificar-lhe tudo, a entregar-se-lhe de forma vil. Uma noite, Miguel Augusto limitou-se a dizer a Camila Rosa que fugisse de casa e o acompanhasse. Ao romper da aurora, quando o pai ainda dormia com a tranquilidade dos enfermos, Rosa partiu.

O quanto Francisco Baldaia padeceu, vendo-se, além de doente e empobrecido, abandonado e desonrado pela filha, não nos atrevemos a dizer. O certo é que Rosa voltou dali a meses, grávida, repelida, tremendo de susto e

de vergonha, e Francisco, não sabemos se por afeição se por alguma nobreza moral, deu-lhe abrigo. O nome, o prestígio, a reputação e a honra só são visíveis enquanto a consideração pública os proclama ou finge reconhecê-los. Por isso, em virtude da resolução de tornar evidente o escândalo, toda a fortuna da que fora uma das mais antigas fidalguias do Minho acabou por se exaurir, e Rosa nem o orgulho de ofendida pôde conservar, porque, no final, ela, o pai e a filha que lhe nascera viviam à custa da pensão que o sedutor, do outro lado do oceano, lhes enviava, periodicamente, como uma esmola.

Como tudo isso parecia distante quando, em fevereiro de 1864, Miguel Augusto, Francisco, Teresa e Guilhermina mudaram todos para a Casa das Camélias, um palacete imponente, de amplas fachadas azulejadas, que fora um antigo convento, seguidamente um colégio de meninos de boa estirpe, depois uma casa aquartelada dos liberais, e que o brasileiro mandara ricamente restaurar. Não satisfeito com a simplicidade neoclássica do edifício, a fila de varandas rendilhadas no primeiro andar, o enorme portão de ferro trabalhado, Miguel Augusto encomendara diversos remates, com arabescos, nichos, platibandas e outros ornamentos cerâmicos, que muito satisfizeram a larga imaginação dos artífices e deram ao edifício um ar de ostentação.

Tudo o que a menina Teresa levou da casinha onde antes morara resumia-se a um baú com livros e mais uns insignificantes valores que tinha herdado da mãe, um pequeno enxoval bordado e uma gaiolinha com seis canários. À chegada do brasileiro, da filha natural e do velho fidalgo da província que poderia ter sido seu sogro, metade da população das ruas do Bonjardim, da Firmeza e dos Congregados estava à porta, ansiosa por ver o homem que carregava atrás de si uma fortuna de mais de trezentos contos.

Na Casa das Camélias, comprada por procuração dois anos antes, e onde Miguel Augusto nunca penetrara, faltava ainda quase todo o recheio. A maioria dos brasileiros construía a sua habitação a oriente, para além da Academia das Belas-Artes, numa zona que se tornava cada vez mais opulenta. Os mais afoitos atreviam-se pelos terrenos que pertenciam desde havia décadas às famílias de estrangeiros que se tinham instalado no burgo para o comércio do vinho. A cidade crescia, a oriente e a ocidente, mas Miguel Augusto preferira comprar a sua casa ali, em pleno centro, ao fundo daquela rua de ourives e comerciantes de panos, retroseiros, chapeleiros, serigueiros, perto da capela em cujas paredes exteriores se representava Santa Catarina convertendo pacientemente os sábios de Alexandria à fé cristã só pelo poder da argumentação e pela doçura do olhar. Enquanto as visões do delírio não o consumiam inteiramente por dentro, queria sentir sobre a pele os olhares de cobiça dos marçanos, queria espantar os caixeiros postados às portas dos estabelecimentos, disfarçando as botas gastas e o estômago mal cheio, queria vexar os pobres encolhidos sob a tosse surda, as mulheres consumidas, arrastando pela mão um ou dois pequenitos com crostas na cabeça, sempre muito cosidos às paredes e muito cuidadosos em não pisar excremento.

No quintal, Miguel Augusto mandara plantar árvores de grande porte, palmeiras, sequoias, araucárias, jacarandás e outras espécies vegetais exóticas, mas ordenara que se conservassem os jasmineiros e as afamadas cameleiras que tinham dado o nome ao palacete. Os jardins encheram-se então de flores; tulipas muito direitas no seu pedúnculo delgado, rosas vitoriosas do seu teclado de cores vivas, margaridas em forma de estrela, violetas doces e modestas. À chegada de Miguel Augusto, os mestres paisagistas

continuavam a trabalhar nos jardins, projetando caramanchéis, estátuas, grutas, lagos e fontes.

Miguel Augusto compreendeu imediatamente que não seria Teresa a saber adornar-lhe a mansão com mobiliários e louças condicentes com a sua situação de homem riquíssimo. Pensou então em contratar os serviços de uma governanta culta e discreta que pudesse aprimorar-lhe a habitação e, se possível, refinar as prendas da filha, porque ambas precisavam, e fortuna não lhe faltava. Trazia-a em títulos bancários, em maços de notas, em joias que na América seriam naturais para quem passara os anos a enriquecer como só no Novo Mundo se enriquecia, mas no velho reino impressionavam pelo mau gosto, isto é, provocavam larga inveja, pela raridade, pelo brilho e pelo tamanho desmedido das gemas, para não falar dos bens que mantivera no Brasil, casas, terrenos, fazendas. Sabia que morreria em breve, porque vira outros, lá longe, padecendo e morrendo da mesma enfermidade, mas o dinheiro que gozara amplamente na última década confortava-o, e queria gastar cada título, cada nota, cada peça de ouro, como uma pedra atirada à pobreza, à doença, à mediocridade da cidade cinzenta e secular de onde partira na juventude, precocemente velho, pobre, tão ferido por dentro como aquelas ruas de granito por onde tinham corrido os soldados franceses, não respeitando haveres, velhice, pudores ou religião.

Queria deslumbrar a cidade por meio do seu viver ostentoso. Queria belos cavalos e equipagens requintadas. Queria tetos esculpidos em rosetões de estuque e queria florões decorativos a cobrirem as paredes. Queria pavimentos em mármore e em madeira marchetada. Queria lustres colossais, mognos reluzentes, tremós, sofás, divãs, poltronas de marroquim, de repes azul, de veludo

encarnado; queria relógios de grandes campas de vidro, aparadores, guarda-louças, espelhos de marfim. Queria cortinas de seda, estofos de veludilho, colchas de damasco. Teve tudo o que queria. Foi muito comentado o piano de cauda *Bösendorfer* de modelo imperial, encomendado especialmente a Viena, cujas notas baixas extra, escondidas, ressoavam num tom grave e cheio, fazendo a garganta comprimir-se numa emoção dolorida. Negro, com teclas de marfim e ébano, enchia como uma presença magnífica o salão de baile, quase amedrontando a pobre Teresa, que, mesmo assim, timidamente, nele viria a aprender a executar o melhor possível as baladas, as valsas e as polcas da moda.

Não havendo na cidade muitas mulheres em condições de preencher os requisitos pretendidos para uma governanta distinta e culta, a escolha de Miguel Augusto recaiu sobre Maria Ema Sommersen Antunes, viúva arruinada de um exportador de vinhos que a deixara sozinha muito nova, com quatro filhos, senhora de ascendência dinamarquesa e família conceituada. Pouco depois que enviudara, as crianças tinham-lhe morrido uma após outra. Deu-se então que, das muitas pessoas que a cortejavam nos dias felizes e ricos, poucas ou nenhuma passaram a conhecê-la, espantadas decerto com tamanha desgraça. O padre que lhe enterrara a filha mais velha dissera-lhe, em jeito de consolo: «Todos temos de morrer, minha cara senhora. A sua vida é triste, bem vejo; e melhor do que eu a verá o Altíssimo, que há de ter piedade das suas mortificações.» Maria Ema sufocara nesse instante o impulso de esmagar o crânio calvo e desprezível do velho sacerdote e sobrevivera àquilo a que o escritor Camilo viria a chamar «a maior dor humana» com a extraordinária capacidade de se concentrar nas tarefas exteriores, que no seu caso equivaliam

quase inteiramente a reunir as notas de dívidas do marido, afligir-se rapidamente com o montante, respirar fundo e empenhar, uma por uma, as joias de família, as mobílias, as porcelanas, as rendas antigas passadas pelas avós às netas. O seu primo direito por via paterna Nicolau Sommersen, apesar de ele próprio passar por algumas dificuldades financeiras, não a desamparou e ofereceu-lhe na altura dois anéis de brilhantes, um dos quais ela venderia, modo de a ajudar sem dar a entender a esmola, gesto que ela apreciou e prometeu a si mesma não esquecer. Fizera-se, então, por uns tempos mestra de meninas num solar dos arrabaldes da cidade, mas as meninas eram malcriadas, morenas, muito presumidas do seu luxo, das suas festas, das carruagens em que andavam, e a obediência ao morgado, a posição de mulher assoldada, doíam-lhe como uma humilhação diária. Regressara então à cidade, sozinha e ainda mais pobre.

Aos quarenta e seis anos, desgastada pela excepcional desventura, pelos hábitos de tristeza e, é preciso reconhecê-lo, por um rancor descomunal, Maria Ema era apesar de tudo uma mulher ainda bela, razão para que imediatamente se dissesse à boca pequena na Rua de Santa Catarina e arredores que Miguel Augusto a tomara como amante. Ema, ela própria, pensara na possibilidade da calúnia, mas a ocasião era por demais tentadora. O quarto da casa pobre onde morara nos últimos tempos era muito frio. Duas janelas de peito, rasgadas numa das paredes, davam para um pequeno jardim inculto, com um tanque sem água coberto de musgo. Um pequeno leito de cortinas vermelhas, uma cadeira de palhinha, dois castiçais sobre uma cómoda velha e maciça compunham toda a mobília daquela divisão única, onde Ema se fechava, de dia para dia mais melancólica e rancorosa. Com o convite

inesperado de Miguel Augusto, não era apenas a perspectiva do pecúlio que ela saberia empregar, a conselho do próprio brasileiro, nalgum negócio seguro; não era apenas o consolo de saber que não lhe faltariam camisas de flanela, nem o conchego do fogão a aquecer-lhe o quarto no inverno, nem os criados, como possuía em rapariga e jovem mulher, nem o gosto da janelinha aberta sobre os cachos de glicínias esmaecendo ao sol de verão, que lhe subiriam pela sacada e deixariam um aroma doce e enjoativo preso nos lençóis. Era algo mais.

Quem visse então Ema a entrar na Casa das Camélias com um sorriso modesto e a abraçar a filha de Miguel Augusto com uma expressão compassiva julgaria que na órfã Teresa encontrara uma espécie de filha. Na verdade, pouco mais que a suportava. Sorria quase sem dissimulação da sua falta de graça e de uma certa rudeza de modos, próprias, enfim, como lhe tinham ensinado em pequena, das raças peninsulares, e como ela bem sabia, da velha fidalguia da província, manifestas no modo como cortava a casca da fruta grossa demais, na tendência para desdobrar o lenço todo antes de se assoar ou até em coisas que passariam por virtudes, como o excesso de sisudez, o gosto por comidas de lavradores como arroz de carne ou o uso de mezinhas que Ema achava originais, como chás de flores de borragem e erva-cidreira para curar as constipações; mas, por outro lado, a beleza física muito jovem e a candura simpática da menina não deixavam de a enternecer. No fundo, Ema detestou Teresa logo que a viu, com laivos intermitentes de arrependimento que, no entanto, se foram esvaindo aos poucos com a convivência diária e com aquele sentimento terrível que é observarmos constantemente a mediania e nos sentirmos cada vez mais irritados com ela.

É preciso dizer que a filha mais velha de Ema, a última a morrer-lhe, teria por essa altura a mesma idade de Teresa. Quando se finara, aos quinze anos, era uma menina loira, de rara beleza, com pele de jaspe, olhos azuis e um sorriso ténue. Já doente, quase translúcida na magreza com que a tísica lhe escavava os músculos, sentava-se ao piano, a única coisa que tinha restado do tempo da opulência, com duas mantas a aconchegarem-lhe os ossos, e os seus dedos muito finos e abrasados pela febre corriam sobre o teclado, sacudindo de vez em quando uma nota tremida, sempre que a menina não resistia a um acesso de tosse ou quando a pobreza crescente não permitia a afinação do instrumento.

Ema aguentara a morte de todos os outros filhos, convencida de que aquela viveria, de que o sangue nórdico que se lhe revelava nas feições, mais do que nas de qualquer outro, de algum modo a protegeria dos males daquele país pobre do sul. Essa filha, claro, também lhe morreria, mas Ema não desistira de a ver viver e crescer. No seu íntimo, sem que exteriormente algo denunciasse a ilusão, que não era demência, mas uma vontade constante e esforçada de fazer crescer a imaginação, tinha portanto agora vinte e quatro anos a filha que lhe morreria aos quinze, usava vestidos de musselina branca e trazia nos cabelos, por adorno, um botão de camélia que a mãe escolhia no quintal de Augusto e que renovava todos os dias. Dançava como as fadas e cantava como os rouxinóis. Às vezes, sentava-se ao piano *Bösendorfer*, só para a mãe, como nos últimos tempos antes de morrer, e tocava, entre sorrisos e desmaios de quem sentia demais a melodia, mas sem tossir nem escarrar sangue, obviamente. Às vezes, Ema imaginava-a noiva, previa-lhe a cerimónia do casamento, a emoção com que lhe iria compor o ramo, os primeiros netos que lhe cresceriam no ventre e que ela, Ema, embalaria ao colo.

Foi, portanto, com um ódio crescente, tão inesperado quanto irracional, disfarçado com boas palavras e gestos amenos, que Ema começou a conviver com aquela menina baixa, morena, rica, sem gosto, sem maneiras, sem aspiração profunda a tê-los, educando-se por obediência ou conveniência, ostentando a beleza fresca das raparigas saloias, destinada pela fortuna e pelo aspeto a ser pretendida, e foi com muita satisfação que imediatamente lhe previu um destino trágico. Contratou-lhe um mestre de dança, que lhe dava lições todas as tardes, e um professor de desenho. Ela própria lhe ensinou o francês e o italiano, que a menina aprendeu a falar corretamente, com sotaque sofrível, e o piano, pelo método Bomtempo, que Teresa demorou um bocadinho mais a dominar, obrigando-se antes de cada partitura a massajar os dedos, sempre um pouco tolhidos pelas frieiras.

No trabalho de procurar recheio para a Casa das Camélias, Ema pôde exercer o seu gosto acertado pelos objetos bonitos. Tendo conhecido ela própria a falência e os expedientes a que a pobreza obrigava, frequentava não apenas os grandes armazéns que cresciam nas ruas dos Clérigos e de Santo António, gozando, devemos confessá-lo, o prazer de penetrar nesses estabelecimentos de luxo com uma capa de veludo bordada a ouro e uma criada preta à ilharga, como no tempo em que era rica, a fim de encomendar uma papeleira, um armário holandês, um serviço de Saxe, lustres de Veneza, candelabros de casquinha, jarções da China; como também calcorreava as ruas estreitas frequentadas por todos os sequestrados da vida: viúvas de militares que nunca tinham existido, bravos do Mindelo falsos, sujeitos despedidos de professores, moços de estrebaria, mulheres que deitavam a sina, vagabundos, ladrões, assassinos e meretrizes. Era aí que se concentravam os

prestamistas e as casas de prego a cujos patamares penumbrosos as mulheres arruinadas como ela, até ainda havia poucos meses, mandavam as criadas, muito curvadas sob as mantilhas escuras, para depositarem, embrulhados num xale, os últimos restos de um dote ou de uma dignidade extraviada.

Que vingança deliciosa conheceu então Ema, de cada vez que trazia para dentro da Casa das Camélias os tesouros adquiridos às custas da desgraça alheia. Toalhas de cambraia, colchas de seda bordada. Significavam uma mulher que chorava de vergonha, os cabelos espalhados sobre as notas dos credores. Uma pena de ouro, um tinteiro de cristal. Uma criança a um canto, encolhida de fome. Uma imagem de São José com o seu resplendor de prata. Uma família saqueada por conta da falência do pai. Um contador marchetado, ligeiramente arranhado, que alguém trouxera da Índia. Um marido que enterrava a jovem esposa, consumida pela tuberculose. Objetos que tinham significado vida, alegria, esperança, agora reduzidos ao seu valor material, sempre medido por baixo, que Maria Ema adquiria em nome de Miguel Augusto, mandando pagar com maços de notas que desprendia da bolsinha e entregava cuidadosamente ao criado, gozando o seu dispêndio à distância como uma estocada cruel.

Miguel Augusto aprovava cada decisão, soltando a soma correspondente com uma alegria sincera. Apreciava sinceramente Ema, e Ema, convém dizê-lo, apreciava sinceramente Miguel Augusto.

Quando Teresa completou vinte e cinco anos e Miguel Augusto a abordou a respeito de arranjar um noivo para a filha, Maria Ema começou por sugerir que ele aguardasse e respeitasse alguma inclinação natural da menina, que não parecia possuir nenhuma; mas, como o brasileiro